

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS



Desde a Figueira até à Póvoa MILHARES DE PESCADORES MANTÊM-SE EM GREVE

intensifiquemos a solidariedade aos pescadores

No momento em que escrevemos, passado mais de um mês sobre o início da greve, os pescadores da sardinha de Melosinhos, Aveiro, Figueira da Foz, Ajurada, Esmoriz, Espinho, Ovar, Vile do Conde e Póvoa de Varzim, mantêm-se firmes na determinação de não ir para o mar. De Aveiro não saiu nenhuma traineira, ao contrário do que fora anunciado nos jornais. Os pescadores exigem que as suas reivindicações sejam satisfeitas.

Os pescadores lutam por:

- um salário de 55\$00 por dia;
- 50\$00 de subsídio quando a traineira descarregar em porto diferente do da matrícula;
- 1.000\$00 no início da safra para roupas e atavios;
- 1.000\$00 por cada 100 contos de pescado;
- 1 baú de peixe para a família;
- «companhas» (triplações) de 25 pescadores por traineira;

Os armadores manobram

Declarada a greve em 15 de Abril, os armadores, autoridades e gente do Tenreiro andaram a entreter a comissão representativa dos pescadores, procurando dividi-la e isolá-la da massa dos companheiros. Só quando no dia 7 de Maio os membros da comissão decidem não ir mais às reuniões — porque «aquilo não dá nada» — é

que os armadores aparecem com as suas condições.

Forçados pela greve a dar, na aparência, satisfação a algumas das reivindicações dos pescadores como, por exemplo, 55\$00 diários (mas só quando forem ao mar, porque quando não forem só se propõem pagar 7\$50 (1)) e o subsídio de 50\$00 em porto estranho, os armadores prepararam-se de facto para reduzir os ganhos dos pescadores noutros pontos reivindicados propondo, por exemplo, 700\$00 por cada 100 contos de pescado, o que é menos do que os pescadores recebem actualmente.

A massa dos pescadores rejeitou estas condições de matrícula.

Os perigos aumentam

O prolongamento da greve enfraquece a posição dos armadores: eles não querem e não podem ter o seu capital eternamente paralisado, eles precisam de pôr o seu capital em acção para explorar os pescadores e arrecadar lucros.

A acção do dia 8 foi uma grande lição a todos os cobardes ou fracos que queiram fazer o frete aos patrões. Mas os armadores não desarmaram, tentarão enganar os pescadores de outras traineiras levando-os a assinar a matrícula em separado. As autoridades, com o capitão do porto à frente, continuarão a

(continua na 5.ª pág.)

A vida de Dias Lourenço ESTÁ EM PERIGO

Notícias inquietantes voltaram a quebrar os muros de silêncio do Forte de Peniche: Dias Lourenço tem a vida em perigo.

Transferido recentemente

para o hospital de Caxias, este destacado dirigente comunista não pode continuar nas mãos dos seus verdugos, que não têm escondido os seus propósitos de o liquidar física e moralmente.

Preso pela segunda vez em 1962, após longos anos de luta clandestina, e condenado a uma pena de 11 anos e meio acrescida das celeradas «medidas de segurança», Dias Lourenço, valeroso militante comunista e membro do Comité Central, já passou mais de 10 anos nos cárceres fascistas, onde vai perdendo irremediavelmente a saúde, vítima do ódio feroz da Pide e dos seus carcereiros.

A gravidade do seu estado não podem ser estanhos os maus tratos e brutais espancamentos, as perseguições constantes e ameaças de morte que os seus alocos fascistas ainda não levaram às últimas consequências, graças à vigilância solidária dos trabalhadores, dos democratas, no nosso País e no estrangeiro.

Dias Lourenço, patriota ardente, lutador anti-fascista indomável é uma vida que o povo português deve salvar.

Em abaixo-assinados, cartas, postais, telegramas e por todas as formas ao nosso alcance reclamamos junto do presidente da República e do ministro da Justiça, imediata liberdade para Dias Lourenço.

Guilherme de Carvalho, outro militante comunista vítima da repressão, necessita de ser submetido a uma melindrosa operação cirúrgica, que pode ser fatal nas condições prisionais em que se encontra.

Escrevamos por toda a parte: «liberdade para os Prerros Políticos!», «Abaixo as medidas de segurança!», «Amistia!».

GUERRAS COLONIAIS PERDAS DE MILHARES DE VIDAS — GASTOS MILHÕES DE CONTOS É URGENTE PÔR-LHES FIM

Não é possível levar a cabo quaisquer planos de desenvolvimento económico e social digno desse nome, continuando a gastar-se o melhor das receitas nacionais na sustentação das guerras contra os povos de Angola, Guiné e Moçambique e em outras despesas militares e repressivas.

Querendo desmentir esta indesmentível realidade, a cama-

rilha salazarista apenas mostra uma desajeitada tentativa para fazer passar por boa a sua política anti-nacional, toda ela orientada para servir os interesses dos monopólios sem-pátria e justificar as pesadas cargas tributárias que faz cair sobre os ombros das massas trabalhadoras.

Sobem os impostos aumentam as despesas de guerra

Os impostos indirectos cobrados em 1967 atingiram a fabulosa soma de 8.155.000 contos, em vez dos 5.297.000 previstos no orçamento desse ano. Para 1968, o governo previu uma receita destes impostos de 6.349 mil contos, mas tal como sucedeu em 1967, renderão bastante mais, o mesmo é dizer que o nível de vida das massas trabalhadoras será afectado em mais alguns milhões de contos.

A camarilha fascista pretende mostrar que apesar das grandes despesas militares tudo vai bem, que as finanças estão sólidas e a economia marcha em frente, e por isso não se cansa de cantar a ária de que todas as despesas com a «defesa da integridade nacional» são integralmente pagas com os saldos da receita sobre a despesa ordinária. Como se isto mostrasse uma

boa aplicação dos dinheiros públicos.

A verdade é que se trata de uma grosseira manipulação orçamental, pois para se obterem os tais saldos das receitas sobre as despesas ordinárias reduzem-se ao mínimo indispensável as verbas destinadas ao ensino, obras públicas, saúde, etc. Aliás isso mesmo aparece no Orçamento Geral do Estado para 1968 quando diz:

«... propõe-se o plano financeiro para 1968 continuar a financiar os encargos de defesa com os excedentes da receita sobre a despesa ordinária, reservando-se ainda, na medida do possível, os recursos provenientes dos impostos para investimentos de menor produtividade».

O Orçamento do Estado para 1968 prevê uma receita total de 22.557.040 contos, sendo 16.915.700 contos de receita ordinária e 5.421.340 contos de receita extraordinária. Para o «Plano de Fomento» no seu primeiro ano de execução, destinou o governo apenas 2.900.000 contos, enquanto que para despesas militares foram orçamentadas despesas no valor de 8.290.000 contos. Como se fosse pouco, logo um mês depois estas eram acres-

(continua na 4.ª pág.)

ENCONTRO ENTRE O PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO E O PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

Em Abril passado teve lugar um encontro entre uma delegação do Partido Comunista Brasileiro e uma delegação do Partido Comunista Português, que decorreu num ambiente de franca camaradagem e sincera cooperação. As duas delegações elaboraram uma declaração conjunta, na qual se denuncia a cooperação e apoio mútuo entre a ditadura fascista e os círculos mais reaccionários do Brasil. A identidade ideológica que une os dois partidos, a necessidade imperiosa de dar resposta à cooperação e ajuda mútua das classes dominantes e dos governos dos dois países tornam dever sagrado unir mais estreitamente os esforços dos dois partidos irmãos. Para a concretização destes objectivos os dois partidos resolveram estreitar as relações existentes, denunciar a cooperação entre os governos de Portugal e do Brasil, insistir na solidariedade aos povos das colónias portuguesas, intensificar a cooperação entre os povos e as forças democráticas dos dois países.

No próximo número do «MILITANTE» será publicada a Declaração Conjunta.



POLÍTICA DE UNIDADE em vez de política de oscilação entre dois pêndulos

A recente entrevista do camarada Álvaro Cunhal à Rádio Portuguesa Livre, publicado no «MILITANTE» de Março, é de uma premente actualidade. Ela constitui um motivo de reflexão e de estudo para quantos, em Portugal, se decidiram ao combate contra o fascismo e pela liberdade política, se dispõem a vencer as deficiências e os erros tácticos do movimento anti-fascista e querem contribuir para o reforço e alargamento da Unidade.

Partindo da crítica objectiva e necessária as tendências políticas e aos métodos de acção de certos sectores democráticos, que dificultam o desenvolvimento da luta contra o fascismo sob uma base unitária, o camarada Álvaro Cunhal reafirma a posição do Partido Comunista Português no terreno da unidade, o esforço continuado dos comunistas para unir as suas forças às de quantos sinceramente querem lutar para «varrer o fascismo da nossa terra».

Com este objectivo o Partido Comunista Português dispõe-se a analisar com as outras forças anti-fascistas, os problemas concretos que conduzem à unidade de acção.

«Em todos os domínios da luta anti-fascista, no terreno legal e na actividade clandestina, na luta económica e na luta política, nas acções de massas e na luta armada, estamos firmemente dispostos a cooperar com todos os que sincera e lealmente queiram cooperar, a unir-nos com todos os que se queiram unir.» — afirmou o secretário geral do Partido Comunista Português, na citada entrevista.

A linha de unidade do Partido Comunista não se baseia em abstracções. Resulta da análise da situação política nacional. Nesta se movem classes e camadas sociais com interesses e objectivos diferentes daqueles que norteiam a classe operária e o Partido Comunista Português. Elas têm de comum a sua hostilidade à ditadura fascista.

Partindo desta situação objectiva que condiciona a unidade os comunistas não podem deixar passar em claro as atitudes e tendências que travam o movimento anti-fascista, que criam a divisão, que debilitam a luta comum.

O esforço dos comunistas em favor da unidade desenvolve-se em vários domínios, incluindo o da utilização da crítica às deficiências e aos erros que se manifestam no combate contra o fascismo. O Partido Comunista Português critica para unir, não para dividir. Critica na base da experiência da luta e dos ensinamentos que dela resultam.

O Partido Comunista Português denuncia o oportunismo de direita, como denuncia o aventureirismo de «esquerda», pelos graves prejuízos que têm causado à luta das massas populares contra a ditadura, à revolução anti-fascista, à conquista da democracia.

Nos últimos anos, certos sectores democráticos têm oscilado entre dois pêndulos: dum lado a política de capitulação, que conduz à crença na queda automática do fascismo, à sua suposta liberalização, ao governo de concentração com os «dissidentes» do regime, à solução pacífica que «evite o trágico confronto de extremismos»; do outro, as posições aventureiristas do radicalismo pequeno-burguês que se propõe bater o fascismo através da acção de pequenos grupos armados, que não contam nem com o apoio de massas nem com uma organização.

Estas oscilações entre dois pêndulos, que se opõem e se interpenetram, voltam as costas à luta organizada e persistente, à acção da classe operária e das massas populares, à acção conjugada das forças democráticas no terreno legal, semi-legal e ilegal, tendente ao derrubamento da ditadura e à conquista da democracia.

Não são os actos de transigência com o fascismo, nem a colaboração com aqueles que, seriamente preocupados, o procuram salvar da derrota, que conduzirão as forças democráticas e o povo português à vitória.

Não são os métodos legalistas, o receio à insurreição, nem a pretensa ajuda à luta democrática dos serventuários do imperialismo, como o governo trabalhista inglês, ou os sociais democratas de Willy Brandt, que romperão as cadeias fascistas e libertarão o nosso povo do regime de Salazar.

Não são igualmente os métodos aventureiristas e «esquerdistas» que golpearão a ditadura e a levarão à derrota.

A política de oscilação entre dois pêndulos, o Partido Comunista Português opõe uma política de Unidade, sob a base de uma plataforma comum, acordada em conversações ou à mesa de uma Conferência, sem pretensões hegemónicas e sem discriminações políticas, que tenha como fundamento a luta contra o fascismo, a conquista de objectivos parciais e gerais que interessem as várias correntes anti-fascistas, sob a base da organização e da mobilização das camadas populares, como forças fundamentais da luta pela conquista da liberdade política, pela instauração da democracia.

«A unidade que queremos, por que lutamos, que em muitos casos alcançamos — salienta Álvaro Cunhal — não é para ficar de braços cruzados à espera da queda automática do fascismo, não é para nos lançarmos em desesperadas aventuras condenadas à derrota, mas a unidade que fortalece a organização e impulsiona a luta popular com uma perspectiva revolucionária.

A unidade abre o caminho à democracia

OS POVOS DE ANGOLA E PORTUGAL AMIGOS E ALIADOS

No dia 5 de Janeiro A. Neto, Presidente do Movimento Popular pela Libertação de Angola (MPLA) numa conferência de imprensa realizada em Bragança, falou dos progressos da luta libertadora do povo angolano e anunciou uma decisão de extraordinária importância: a transferência para o interior de Angola da direcção do MPLA. Esta decisão, so por si, testemunha a libertação de vastos territórios do controle dos colonialistas e a consolidação das forças armadas do MPLA.

O povo e a juventude de Portugal, o Partido Comunista Português e vastos sectores democráticos condenam vigorosamente a política de exploração, opressão e guerra colonial conduzida pelo governo fascista contra os povos das colónias portuguesas. Nós, comunistas portugueses, lutamos incansavelmente para que seja reconhecido e garantido aos povos das colónias portuguesas o direito à autodeterminação e à independência. O povo português e os povos das colónias portuguesas são aliados na luta contra o inimigo comum: o fascismo e o colonialismo.

Na conferência de imprensa, Agostinho Neto expressou com clareza que a luta do povo angolano não se dirige contra o povo português, mas contra o colonialismo salazarista.

«O MPLA (disse A. Neto) não

dirige a sua luta contra o povo português, que também é vítima da exploração e com o qual não há problemas insolúveis, mas contra o regime fascista que persiste em manter o anacrónico sistema colonial; lutamos contra a exploração colonial, não lutamos contra o povo português, mas contra o fascismo se inscreve no quadro da luta contra a exploração e contra a miséria, pelo progresso e pela paz. É justo prestar homenagem às organizações democráticas portuguesas que empregam os seus melhores esforços para mobilizar o seu povo contra esta guerra cruel, apesar dos perigos e dos sofrimentos que lhes acarreta esta atitude. Lutando contra o fascismo e contra a guerra colonial, as organizações democráticas merecem o nosso respeito e a nossa admiração. Elas dão uma contribuição positiva para o estabelecimento futuro de relações justas entre os nossos povos, baseadas no reconhecimento do direito à independência e à soberania nacional, na igualdade e no respeito mútuo».

Assim falou Agostinho Neto, dirigente da luta libertadora do povo angolano.

É bem certo que o regime fascista e colonialista de Salazar é o inimigo do povo de Angola e o inimigo do povo português.

Os povos de Portugal e de Angola são amigos e aliados na luta contra esse mesmo inimigo.

KIESINGER NÃO VEIO MAS AS BOAS RELAÇÕES CONTINUAM

Houve decepção no arraial fascista. Kiesinger, o antigo agente do nazismo, o colaborador de Goebels no ministério de propaganda, não pôde ser a vedeta nas comemorações do 28 de Maio, nem o título de doutor honoris causa lhe pôde ser conferido pela Universidade de Coimbra. Kiesinger, a braços com uma crescente oposição à sua política reaccionária e militarista, cancelou a anunciada viagem a Portugal. As medidas de excepção que se propõe fazer aprovar pelo parlamento de Bonn, com o apoio e colaboração dos sociais democratas, levantam fortes protestos entre os trabalhadores e a juventude que organizam contra elas manifestações e greves. Kiesinger não pôde arrostar neste momento com as consequências de uma pouco prestigiosa visita aos seus velhos amigos fascistas de Portugal. Virá no Outono.

Entretanto, o terreno propício à consagração da política praticada por Salazar com Hitler, mantém-se em todos os campos.

Conferem-se mutuamente as mais elevadas condecorações. Recentemente o ministro das Corporações de Salazar foi agraciado por proposta de Willy Brandt com a estrela e banda de Ordem de Mérito Alemão. Por sua vez, o adjunto do editor militar da embaixada alemã em Lisboa, capitão-tenente Von Helzen, foi condecorado pelo ministro de Marinha, Quintanilha de Mendonça, com a meda-

lha de Mérito Militar.

Subsidiando as condecorações, a penetração de capitais oeste-alemães infiltra-se em ritmo crescente na economia nacional. Entre fins de 1965 e 30 de Setembro de 1967, eles ascenderam a 90,7%, segundo confessa uma fonte insuspeita: a Câmara de Comércio e Indústria Luso-Alemã no seu relatório económico sobre Portugal. Segundo a mesma origem, os investimentos privados alemães passaram de 26 milhões de marcos em 1965, para 55 milhões em 1967.

A soberania alemã na base aérea de Beja continua no ordem do dia. Assim o confirmou no parlamento o secretário de Estado para a Defesa de Alemanha Federal, ao declarar que a necessidade daquela base aérea se mantém, sendo completo e acordado com o seu colega português, quando da visita deste a Beja.

O espectro da Gestapo mentalizando os opressores salazaristas para do novo, como nos tempos de Hitler, sobre o povo e os combatentes da democracia em Portugal. Em 19 de Maio finda uma delegação do PSP chefiada pelo general Fernando de Oliveira, comandante geral da mesma corporação, partiu «em missão de serviço» para a Alemanha. E uns partem, outros chegam. O intercâmbio toca os vários sectores do aparelho de repressão. Em 15 do mesmo mês, a convite da Escola Prática de Ciências Criminais veio a Lisboa o director do laboratório do Bundes Kriminalamt da Alemanha Federal, que constitui o melhor laboratório de Polícia Científica da Europa. A cooperação, a mais temível, estreita-se em todos os campos. Kiesinger não veio, mas através das chancelarias, dos monopólios, dos chefes militares, dos especialistas do terror nazi, a sua mensagem ao 28 de Maio compra-se na mesma.

Contra esta cooperação entre os dois regimes que a história já condenou, deve erguer-se a vontade e a acção combativa do povo e dos democratas portugueses e alemães sobre quem recai, com todo o seu peso, aquela criminosa política.



CONTRA A DOMINAÇÃO IMPERIALISTA

luta activa e corajosa dos trabalhadores

Na recente inauguração de duas fábricas, em Coima-Fábrica da Unialgas e da May Portuguesa, onde estão investidos capitais japoneses, espanhóis, italianos, holandeses e proximoamente ingleses e americanos — o secretário da Indústria engenheiro Amaro da Costa, regozijou-se pelo significado do empreendimento, que classificou de « magna realização » e focou com particular realce os investimentos japoneses do poderoso monopólio Mitsui.

Em realidade este potentado capitalista estende já os seus tentáculos para vários ramos da indústria nacional, como a têx-

til, através da Nipotix — fábrica de tecidos mistos de poliéster — de outras fábricas de fição e malhas de fibras acrílicas, além dos capitais que já investiu na Lusandese — fábrica de redes de pesca e na Cires. Catorze grandes empresas monopolistas do Japão fixaram-se em Portugal, abarcando diversos sectores da actividade económica nacional.

A convite do governo fascista, que mercadeja abertamente com as riquezas do país, os imperialistas estrangeiros vão ocupando, dia após dia, novas posições de privilégio na indústria, na agricultura, na vida financeira e comercial.

O GOVERNO FASCISTA OFERECE MÃO-DE-OBRA A BAIXO PREÇO

Na sua obra de traição, os governantes fascistas não se limitam a colocar as riquezas nacionais sob o domínio do imperialismo estrangeiro. Eles acenam-lhes com uma outra realidade: a mão-de-obra barata, os baixos salários dos trabalhadores, e fazem alarde deste facto, publicamente, quer em declarações à imprensa quer em conversações com os representantes dos monopólios internacionais, que visitam o nosso país, para se certificarem das garantias que lhes são oferecidas.

Numa tabela de salários, elaborada pelo Dr. Xavier Pintado, um dos mais activos colaboradores do imperialismo estran-

geiro, fixam-se dados particularmente elucidativos. Enquanto o salário médio horário de um operário português das construções navais é de 9\$41, um operário belga do mesmo ramo de produção recebe 51\$91. Na indústria têxtil o salário é de 4\$55 para o trabalhador nacional e de 25\$49 para o trabalhador alemão.

Um operário português da fábrica alemã Grundig, instalada em Ferreiros, perto de Braga, ganha numa semana o salário correspondente ao salário diário de um operário da mesma empresa, que trabalha na Alemanha.

Numa tal situação devem re-

flectir aqueles que se deixam influenciar pela propaganda fascista, tendente a demonstrar os « benefícios » que resultam para os trabalhadores portugueses do investimento de capitais estrangeiros na economia nacional.

OS BAIXOS SALÁRIOS PERMITEM AOS IMPERIALISTAS ESTRANGEIROS A CONQUISTA DE NOVOS MERCADOS

A mão-de-obra barata é condição de fartos lucros para os imperialistas estrangeiros. Os baixos salários garantem-lhes uma rápida acumulação de capital. Pela utilização de processos técnicos evoluídos, os monopólios internacionais impõem novos ritmos de produção que sendo ao mesmo tempo um factor de fadiga e de esgotamento físico para os trabalhadores, permitem elevar o rendimento da empresa, fazendo sair desta um maior número de mercadorias. Deste modo os imperialistas estrangeiros encontram-se em condições de conquistar rapidamente o mercado nacional e de produzir em larga escala para a exportação. Sobre

os ombros dos trabalhadores, explorando intensamente a sua força de trabalho, os monopólios internacionais desenvolvem os seus planos de expansão económica.

Noventa por cento da produção da fábrica Grundig destina-se à exportação, em condições de concorrência, para países altamente industrializados, como os Estados Unidos, Inglaterra, Canadá e Japão. Um tal sucesso repousa, antes de tudo, sobre os baixos salários dos trabalhadores portugueses e sobre uma infame exploração, zelosa e defendida pelos governantes fascistas e pelo seu aparelho repressivo.

AS FORÇAS MONOPOLISTAS ASSOCIAM-SE AO IMPERIALISMO ESTRANGEIRO NA EXPLORAÇÃO DOS TRABALHADORES

Em Março passado, a imprensa diária noticiou a criação em Matosinhos de um novo monopólio da indústria de confecções e venda de artigos de vestuário, resultante da fusão das empresas Textimo-Têxtil Internacional e Textingo-Têxtil Comercial, com o monopólio Genesco-Interstyle, de capitais americanos e alemães. Este último possui 60 por cento dos investimentos, contra 40 por cento dos investimentos portugueses.

A Genesco, por si só, revela o potencial económico, dos capitalistas americanos, na existência de 157 fábricas na indústria de vestuário, nas quais se em-

pregam 60 mil pessoas.

Este novo potentado é um exemplo, entre muitos, da ligação do imperialismo estrangeiro com os capitalistas portugueses, que se amplia sob o domínio fascista, constituindo um dos fundamentos da sua política.

Podemos avaliar o significado de uma tal colaboração se tivermos em conta que o monopólio germano-americano paga aos operários têxteis portugueses salários de 28\$00 e 32\$00, enquanto os trabalhadores do mesmo ramo de produção ganham na Alemanha salários diários superiores a 200\$00.

MILHARES DE PESCADORES EM GREVE

(continuação da 1.ª pág.)
ameaçar e a tentar convencer os pescadores a abandonar a luta. Os próprios mestres se vierem satisfeita a sua pretensão

de recebimento de « luvas » antes do início da safra, passar-se-ão para o lado dos armadores e procurarão arrastar para o mar os pescadores mais débeis.

A greve deve sair para a rua!

Se ficarem passivamente à espera que os armadores se cansem os pescadores não atingirão os seus objectivos, os armadores continuarão a procurar dividi-los e não satisfarão o conjunto das suas reivindicações.

A greve tem que ganhar dinamismo para ser vitoriosa. As

concentrações em massa na capitania, na « casa dos pescadores », as grandes reuniões na praia, os desfiles pelas ruas, são formas que os pescadores terão de utilizar para vencer. Eles terão de gritar bem alto que têm fome e querem trabalhar, mas ganhando o indispensável.

solidariedade activa e imediata aos pescadores em luta

Com o prolongamento da greve a fome e a miséria abatam-se sobre os lares dos pescadores. A possibilidade de eles resistirem até imporem as suas reivindicações depende em boa medida da solidariedade que receberem:

Que por todo o país os trabalhadores, os jovens, as mulheres, os homens progressivos, organizem uma larga recolha de solidariedade para os pescadores em greve! Que os comu-

nistas dêem o exemplo!

De cada um de nós depende um pouco a sorte da luta dos pescadores! Mas é aos pescadores do Algarve, de Setúbal, de Peniche e de outros portos que incumbe a grande responsabilidade de apoiar os seus companheiros em greve, quer seguindo o seu exemplo de luta, quer exigindo que o peixe por eles pescado não seja vendido no Norte.

Trabalhadores! Intensificai a luta contra os imperialistas estrangeiros

O domínio imperialista como ao mesmo tempo que desenvolve uma acção tendente à satisfação das suas mais prementes necessidades, estão travando um combate eminentemente nacional, destinado a libertar o país do imperialismo estrangeiro e da ditadura fascista.

A luta dos trabalhadores contra os capitalistas estrangeiros inscreve-se na sua acção diária, contra a exploração e os baixos salários, contra os ritmos infernais de produção e pela conquista das suas reivindicações imediatas.

O governo de Salazar oferece as maiores vantagens aos imperialistas estrangeiros, para deles receber o apoio de que carece, para se manter no poder. Os trabalhadores portugueses

O «Avante!» não se destrói

Com o teu esforço, com o teu espírito de iniciativa leva o «Avante!» a pessoas que estão privadas da sua leitura. Deixa-o num lugar onde possa ser encontrado por trabalhadores, envia-o pelo correio a um democrata ou a um amigo.

GUERRAS COLONIAIS — PERDAS DE MILHARES DE VIDAS

(continuação da 1.ª pág.)
 cidas de mais 500.000 contos e no passado mês de Abril com mais 1 milhão de contos para compra de armamento, o que perfaz já a soma de 9.790.900 contos. E no entanto o ministro das finanças declarava que a execução orçamental se devia iniciar «com a inscrição de uma importância que se aproxime quanto possível da verba que se prevê no ano económico, afim de que a gestão se realize sem sobressalto e se diminua o risco de impreviões».

Inscreeveu-se no orçamento bastante mais do que no ano anterior, mas nem assim deixaram de surgir os riscos de im-

Centenas de milhares de

As despesas extraordinárias militares em 1960 foram orçamentadas em 811.500 contos, foram-no, em 1967 em 5.547.000 contos e, em 1968, em 5.607.000 contos. Por sua vez as verbas extraordinárias para o fomento evoluíram de 1.264.700 contos, em 1960, para 2.145.400 contos, em 1967 e 2.900.000 contos, em 1968. A diferença é bem chocante, mas ainda não é tudo. Para a G.N.R., PIDE, P.S.P. e Legião saem centenas de milhares de contos do ministério do Interior e, como é conhecido, contingentes da P.S.P. e do bando da PIDE seguem constantemente para as colónias para ali serem empregadas contra os patriotas que lutam pela independência dos seus países. Também do ministério das finanças saem milhares de contos para a Guarda Fiscal que vem sendo transformada numa nova força militarista e repressiva. E até do ministério dito da educação nacional saem milhares de contos para fins militares. Dos ministérios das obras públicas, comunicações e do ultramar saem grandes verbas para aeropor- tos, aquartelamentos militares,

previsões e os sobressaltos quando ainda não tinha secado a tinta do orçamento. E como até ao lavar dos cestos é vinda, os suplementos para despesas militares continuarão durante o ano, não sendo de espantar que venham a atingir a soma colossal de 10 milhões de contos.

Já no orçamento para 1967 fora previsto gastar em despesas militares 7.871.700 contos, mas no fim do ano estavam queimados nada menos de 9.705.000 contos, conforme se pode ver na Conta Pública daquele ano. Ao contrário, com o chamado fomento gasta-se quase sempre menos do que fica orçamentado.

Centenas de milhares de contos com a repressão

estradas, envio de tropas para as colónias, etc.

Os próprios números fornecidos pelo governo mostram a evidência a impossibilidade de se operar qualquer desenvolvimento económico do país numa base nacional, sem hipotecas lesivas dos interesses nacionais, isto é, no interesse das largas massas trabalhadoras.

Um certo número de empresas e de novas indústrias montadas nos últimos anos são na sua maior parte ou inteiramente estrangeiras, ou dominadas pelo capital estrangeiro. Representando de certo modo um pequeno surto industrial e económico, de maneira nenhuma servem os interesses nacionais, das massas trabalhadoras. Pelo contrário, servem para arrancar ao trabalho da classe operária e das massas trabalhadoras milhões que na sua grande parte

saem do país, para os monopólios estrangeiros se apoderarem em proveito próprio de boa parte das riquezas nacionais e au-

mentar assim o domínio económico e político dos imperialistas estrangeiros sobre Portugal.

Milhões de contos com a política de alianças militares

As alianças militares a que a camarilha salazarista amarrou o país, tais como o Pacto do Atlântico, Bloco Ibérico, aliança militar com a Alemanha Federal, acordos com a França, África do Sul, Brasil, ao mesmo tempo que obrigam ao dispêndio de muitos milhões de contos tirados ao estômago das massas trabalhadoras e ao desenvolvimento económico do país são um factor de limitação da independência e soberania nacionais, como o atesta a instalação em território português de grandes bases militares norte-americanas nas Lages, oeste alemã, em Beja e uma infinidade de estruturas militares ao serviço do Pacto do Atlântico, assim como de fortes contingentes de militares estrangeiros que de um momento para o outro poderão ser utilizados contra o povo português levantando em luta contra a ditadura fascista de Salazar, pela

democracia, a paz e a independência nacional.

Não é, pois, apenas o futuro económico e social assente em bases nacionais que está a ser posto em causa pela política seguida pelos governos sucessivos de Salazar, é também a própria independência nacional que periga.

O domínio económico e político estrangeiro sobre Portugal torna-se cada dia que passa mais preponderante e isso não é casual. É antes o resultado da política anti-nacional de Salazar, é, em certa medida, o preço exigido pelos monopólios dos Estados Unidos, Alemanha Federal, Inglaterra, etc., pela ajuda mais ou menos aberta que os seus governos têm prestado e continuam a prestar à camarilha salazarista para se manter no poder contra a vontade expressa do povo português.

Exijamos o termo das guerras coloniais e a saída de Portugal da NATO

O termo das guerras coloniais e a saída de Portugal do Pacto do Atlântico Norte é um imperativo nacional que se coloca à consciência de todos os portugueses e portuguesas que aspiram à liberdade, à independência nacional, à paz, ao progresso de Portugal e bem estar do

povo português.

Mas isto não se realizará por ser esse o nosso desejo. A conquista desses objectivos patrióticos exige o derrubamento da ditadura fascista, porque Salazar e a sua camarilha não se dispõem a abandonar o poder por ser essa a vontade do povo português, isto é, por meios pacíficos. Esta enorme tarefa reclama dos democratas e anti-fascistas, de todos os verdadeiros patriotas, do povo português com a classe operária na vanguarda, acções diárias por reivindicações próprias de todo o tipo, um forte espírito de união, um largo esforço de organização à escala nacional que conduza à formação de vários caudais que orientados para o mesmo objectivo formem o imenso mar revoltado que submergirá por fim a ditadura fascista.

A combatividade dos estudantes assegura a conquista dos seus direitos

No Instituto Industrial de Lisboa, os estudantes lutam victoriosamente pelos seus direitos associativos.

Recusara-se o director a assinar o pedido de homologação da lista associativa eleita pelos estudantes, indo ao ponto de ameaçar com a intervenção da Pide ao mesmo tempo que procurava inutilmente impedir que a reunião convocada para o dia seguinte tivesse lugar.

Os estudantes mantiveram firme e dignamente a sua posição, afirmando que não deixariam de cumprir o seu dever de dirigentes associativos.

No dia seguinte, pouco antes da hora marcada, mais de 600 estudantes estavam já concentrados no campo de futebol do Instituto.

Forçado a recuar ante a acção massiva e decidida dos estudantes, o director mandou chamar apressadamente os dirigentes associativos comunicando-lhes que estava adora disposto a homologar a lista eleita pelos estudantes.

Com vigorosos FRAs, os es-

tudantes assinalaram a sua vitória, não sem que os dirigentes associativos tivessem apelado para a maior vigilância contra as prováveis futuras manobras do director e das autoridades académicas.

Através de sucessivas acções, vinham os estudantes do Instituto Industrial de Lisboa demonstrando que estão dispostos a defender intransigentemente a sua Associação. O movimento de protesto contra a suspensão do boletim «Engrenagem»: o abaixo assinado dirigido ao Ministro da Educação Nacional reclamando a extinção do Central Circum-escolar e o levantamento da quota obrigatória de 65\$00, entre outras acções, constituem apenas algumas fases da persistente luta dos estudantes contra a política ministerial salazarista, docilmente seguida pelas autoridades académicas, visando a liquidação das Associações de Estudantes no ensino médio e a sua transformação em organismos estafizados no âmbito da desprestigiada e repudiada Mocidade Portuguesa.

Radio
PORTUGAL
Livre

Transmite todos os dias das 8 às 8.50 em 19 metros; das 20 às 22 horas em 25 metros. A última emissão é transmitida das 0.20 às 0.50 em 26, 32 e 56 metros.

Aos domingos uma emissão especial dedicada aos camponeses vai para o ar das 15 às 15.50 em 19, 20, 25 e 26 metros.

Voz da Liberdade

Transmite todas as quartas e sábados a partir da 1.15 (da madrugada) em ondas curtas de 25, 31 e 49 metros e em ondas médias de 250 e 320 metros.

Quantias recebidas dos amigos do Partido

Acção armada	290\$00	Pela lib. de	Aida Paula	174\$00
Amigo desconhecido	48\$00	Por uma verd. democracia		174\$
Amigos de Alipicra	175\$00	Idem		460\$00
Anti-fasc. de Grândola	290\$00	Provincia Por. vermelha		500\$00
Avô e Avó	500\$00	Prov. verm. Rev. de Ou.		500\$00
Catarina Eufémia	58\$00	libro		10 000\$00
Gacarine	1.500\$00	Um democrata emigrado		58\$00
Liberdade para Pires Jorge	30\$00	TOTAL:		17.818\$00

NOTA: — Recebemos da Campanha de Natal da B. o correspondente a 2.800\$00. Recebemos de Solidariedade de Cen. 261\$50. Recebemos de Álvaro — Duarte, 2 objectos que não especificamos.

OS TRABALHADORES PORTUGUESES COMEMORAM O 1.º DE MAIO

Pescadores, metalúrgicos, têxteis, tipógrafos, conserveiros, operários agrícolas, estudantes, jovens trabalhadores e mulheres assinalaram de vários modos o dia 1.º de Maio.

Os pescadores em greve reafirmaram a sua disposição de continuar a luta, de fazer triunfar as suas reivindicações, de reforçar a sua unidade e decisão de vencer.

Os tipógrafos das principais cidades não trabalharam no dia 1.º de Maio, continuando uma tradição forjada em anos de luta.

No porto de Leixões os descarregadores e estivadores continuaram o movimento da «cerra», para que as suas reivindicações sejam atendidas.

Uma larga agitação em todo o país

Centenas de milhares de cartazes, de manifestos, de postais e de cartazes, editados pelo Partido Comunista Português, por grupos de operários das mais diversas profissões, foram profusamente distribuídos em todo o país, entre os trabalhadores e os estudantes, nos centros industriais, nos bairros populares e em locais diversos.

Inscrições alusivas ao dia primeiro de Maio, à luta contra a guerra colonial e o fascismo, às reivindicações dos trabalhadores assinalaram a disposição de luta da classe operária e dos comunistas contra a exploração capitalista, contra o governo da ditadura.

Têxteis e conserveiros apontam o caminho

Num manifesto dirigido a todos os trabalhadores da têxtil, afirma-se:

«Com a nossa luta podemos impedir que a crise da indústria têxtil, de que somos as maiores vítimas, seja solucionada de costas voltadas para os trabalhadores e à custa dos trabalhadores. Organizemo-nos para a luta. Lutemos!»

Num manifesto destinado às conserveiras e conserveiros

FOI APROVADA A DECLARAÇÃO DO ESTUDANTE PORTUGUÊS

O IV Seminário de Estudos Associativos, que reuniu cerca de 450 estudantes no último dia das suas sessões, terminou a sua primeira fase em apoteose.

À noite, nas comemorações do 24 de Março, na presença de 500 estudantes foi aprovada uma «Declaração do Estudante Português» após viva e acalorada discussão.

No jantar de confraternização realizado no Instituto Superior Técnico, onde recitaram poemas e entoaram canções populares e estudantis, os estudantes manifestaram entusiasticamente o espírito de luta que os anima.

diz-se:

«No 1.º de Maio uni-vos e lutai pelos vossos direitos. Concentrai-vos na gerência da vossa fábrica e reclamai: Aumento de salários; condições de trabalho que respeitem a vossa saúde e a vossa dignidade; garantia de trabalho para todo o ano; trabalho para todos.

«A classe conserveira exige um novo contrato colectivo que lhes assegure melhores condições de vida. Migalhas NÃO. Aumento de salários que tenha em conta a carestia de vida».

Um apelo aos metalúrgicos

«A classe metalúrgica, de gloriosas tradições de luta comemora o 1.º de Maio, LUTANDO. — Afirma o apelo. — Na empresa uni-vos e apresentei as vossas reivindicações: MELHORES SALÁRIOS! MELHORES CONDIÇÕES DE TRABALHO!

No sindicato uni-vos e ide exigir que a direcção defenda os vossos direitos: CONTRATO COLECTIVO ACTUALIZADO! GARANTIA DE FÉRIAS PAGAS! ASSEMBLEIA GERAL PARA DISCUTIR OS PROBLEMAS DA CLASSE».

Reuniões de operários para a discussão dos seus problemas

Os operários têxteis do Norte organizaram um almoço de confraternização, para celebrarem o 1.º de Maio. Durante este, puderam discutir os problemas que mais preocupam os milhares de trabalhadores da têxtil, sujeitos ao desemprego e aos baixos salários, sujeitos à situação de

crise que lavra nesta indústria e que os patrões e governo pretendem lançar, com todo o seu peso, sobre os ombros dos trabalhadores.

Os operários metalúrgicos de algumas empresas reuniram-se também para a discussão e análise dos seus problemas, em que se inclui o aumento de salários e a renovação do contrato colectivo.

Os estudantes celebram o 1.º de Maio

Os estudantes universitários de Lisboa, Porto e Coimbra comemoraram o 1.º de Maio. No Porto teve lugar uma reunião de jovens, durante a qual vários oradores aludiram ao significado do 1.º de Maio, à luta dos trabalhadores e muito especialmente à greve dos pescadores a quem resolveram prestar solidariedade, encarando medidas concretas para esse fim.

Em Coimbra foi feita uma larga agitação. Apareceram inscrições na própria Universidade, como «Eleições, Paz, Pão, Liberdade», «Abaixo a guerra colonial», «Paz no Vietnam», «Autonomia para a Universidade».

Em Lisboa os estudantes celebraram condignamente o dia 1.º de Maio. Segundo informações ainda não confirmadas as forças repressivas cercaram algumas Faculdades.

Jornada de luta, jornada de gloriosas tradições, ela deve fazer reviver na classe operária portuguesa o esforço de vidas e de sangue derramado, que o 1.º de Maio simboliza.

FESTIVAL MUNDIAL DA JUVENTUDE

Milhares de jovens representam os povos de todos os Continentes, países e raças, viverão juntos em Sófia, num ambiente do mais elevado nível de fraternidade e solidariedade, os problemas cruciais do nosso tempo.

O Festival Mundial através de grandiosas manifestações, consagrará a missão da juventude na grande luta pela paz mundial, na luta contra a agressão do imperialismo americano ao Vietnam, no apoio à luta dos povos pela sua libertação e independência, Grandes temas ressoarão em amplitude ao longo dos dias que vão decorrer na capital da Bulgária Socialista, de 28 de Julho a 6 de Agosto: dos Direitos Humanos, à abolição das armas atómicas, da condenação do fascismo e racismo à exaltação da democracia, dos perigos do ressurgimento nazi ao papel do imperialismo na vida dos povos, dos direitos da juventude, sua cooperação e solidariedade, às grandes panorâmicas da ciência, da literatura, da arte, das tradições revolucionárias, patrióticas e populares dos povos de todo o mundo.

Neste gigantesco encontro, todos os problemas da juventude, problemas políticos, económicos, sociais e culturais, terão eco. A ele deverá chegar a voz dos jovens de Portugal, através de mensagens, saudações e informações elucidativas sobre a situação e os anseios daqueles a quem as barreiras da repressão fascista vedam a participação na mais poderosa manifestação de solidariedade e confraternização dos jovens de todo o mundo.

Greve, concentrações e protestos dos estudantes

GREVE VITORIOSA EM ECONÓMICAS

A greve de um dia no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras constituiu o ponto culminante de uma importante luta estudantil contra os exames de selecção, e pelos interesses pedagógicos dos alunos.

Através da sua Associação, os estudantes tinham conseguido a constituição de uma comissão de professores e alunos para a elaboração conjunta do mapa de exames. Verificando, porém, que os professores tentavam impor um mapa de exames que lesava seriamente os interesses dos alunos, enquanto lhes era negada qualquer representatividade em tal Comissão, os estudantes reagiram prontamente.

A palavra de ordem «Ninguém vai às aulas no dia 28!», lançada numa reunião que concentrou 700 estudantes, teve a plena adesão da massa estudantil. Numa população escolar que oscila entre 3.000 e 3.500 alunos, apenas 4 quebraram a greve!

Os estudantes colheram imediatamente os frutos da sua unidade combativa: a proposta de mapa de exames por eles elaborada foi aceite pelos professores.

Este resultado vitorioso, não pode dissociar-se das lutas anteriormente desenvolvidas.

Luta contra os serviços sociais na cantina da cidade universitária

Na Cidade Universitária, os estudantes estão em luta. Lutam contra a equipa de funcionários, de nomeação ministerial, que gere a Cantina onde não se pode comer, e as instalações de convívio, onde não se pode conviver; lutam contra um reitor a quem se dirigiram repetidas vezes e que não atende as suas reivindicações; lutam contra a política anti-estudantil do Ministério da Educação Nacional, que pretende asfixiar as Associações de Estudantes e impedir a intervenção dos estudantes eleitos na gestão dos serviços estudantis.

Após a realização de várias reuniões em que participaram mais de 500 comensais, e a elaboração de um jornal da Cantina, porta-voz dos comensais, os estudantes elegeram uma co-

missão representativa que se avistou com o reitor e a quem expôs as suas reivindicações. perante as respostas evasivas do reitor, mais de 250 estudantes dirigiram-se à reitoria manifestando o seu descontentamento, aos gritos de: «A Cantina é nossa!», «Fora a gerência da Cantina!», «Fora os Serviços Sociais!».

Assinalando o final do 2.º período com um gigantesco piquete em que levaram comida grátis, os estudantes em número de 2.000 recusaram com determinação os pratos servidos pelos Serviços Sociais. Apenas uns 30 aceitaram a comida nessa dia mas com a indignada atitude que tomaram tornaram-se alvo do desprezo dos colegas.

Com a formação, no decorrer da luta, de uma «Comissão de coexistência» destinada a organizar a «fiscalização» da gestão exercida pelos Serviços Sociais e a resposta imediata e quotidiana a essa má gestão, os estudantes reforçaram a organização, dando assim maior continuidade à sua luta.



O MOMENTO POLÍTICO INTERNACIONAL

FRANÇA

10 milhões de trabalhadores e estudantes em greve

A França encontra-se paralisada por uma greve de mais de 10 milhões de trabalhadores. Pararam as fábricas e as minas. Cessou o trabalho nos portos. Não circulam os comboios, aviões, táxis e outros meios de transporte.

Os estudantes deram início a esta grandiosa vaga de lutas. Houve greves na Universidade de Paris. O movimento estendeu-se a outras universidades da França. A greve de solidariedade dos trabalhadores à luta dos estudantes e as manifestações de 1 milhão de pessoas em Paris, iniciaram um dos mais potentes movimentos grevistas da classe operária francesa.

Em torno das suas reivindicações imediatas e de consignas políticas, os trabalhadores da França souberam dar provas de uma elevada consciência de classe e de uma combatividade exemplar, souberam coordenar e elevar as greves e manifestações de rua a um tal nível que forçaram o poder degaulista e os monopólios a considerável recuo. Estes dispuseram-se a atender, nas conversações com os representantes das três centrais sindicais, várias das reivindicações formuladas pelos trabalhadores em greve. Mas a classe operária francesa não considera satisfatórios os resultados obtidos. A greve de milhões de trabalhadores prossegue o

seu curso no momento em que escrevemos. Não é possível ignorar a sua imensa projecção na França e no mundo.

O poder degaulista sofre duros e irreparáveis golpes. Coloca-se na ordem do dia a criação de um governo popular de coligação democrática com a participação dos comunistas sobre a base de uma plataforma comum.

A unidade dos trabalhadores foi um dos factores decisivos deste potente movimento grevista. Unidade forjada nas fábricas e nas acções diárias. Unidade defendida e praticada pelo Partido Comunista Francês, com as outras forças de esquerda. Unidade sindical, conseguida à custa de um prolongado e persistente esforço.

A unidade de acção das três centrais sindicais, a cooperação

conseguida entre o Partido Comunista Francês e a Federação das Esquerdas, que marca um novo avanço no domínio da unidade, condicionaram o vigor e amplitude destas greves, provaram que quando as forças democráticas não temem a luta de massas e fazem destas um motor da sua acção, a luta comum regista sucessos rápidos e redobra de força, amplia-se o movimento, criam-se as condições para uma ofensiva generalizada e para a vitória.

A classe operária da França prossegue a sua gloriosa luta. Ela encontra-se hoje na ofensiva contra o poder degaulista e os monopólios. Ela sabe ser digna das grandes tradições que inscrevem na sua história a epopeia da Comuna de Paris e da liquidação do nazismo.

ITÁLIA

VITÓRIA ELEITORAL DO P.C. ITALIANO

O resultado das últimas eleições gerais em Itália permitem avaliar o significado da política conduzida pelas forças de esquerda em Itália, com influência entre a classe operária e as camadas laboriosas da cidade e do campo.

O Partido Comunista Italiano, que luta consequentemente pela defesa dos interesses dos tra-

balhadores e pela realização de uma política democrática e de unidade com o Partido Socialista de Unidade Proletária, o Partido Socialista Italiano e outras forças democráticas, viu acrescido, de maneira substancial, o apoio da classe operária à sua linha de orientação.

O número de votantes no Partido Comunista Italiano subiu para 8 milhões 553 mil 131, facto que lhe permitiu elevar o número de deputados no parlamento de 166 para 177.

O P.S.I.U.P., que se aliou ao P.C.I. e participa com este numa política de unidade, registou um sucesso eleitoral, que se exprimiu em 1 milhão 414 mil e 45 votos, ganhando à sua influência uma parte dos eleitores do Partido Socialista Italiano, que se coligou com o Partido Democrata Cristiano, na realização de uma política interna em defesa do sistema capitalista em Itália e de uma política externa que se baseia na NATO e na cooperação com os Estados Unidos e as outras potências imperialistas.

A força eleitoral do Partido Socialista reduziu em cerca de um quarto os seus efectivos, desde as eleições de 1963. Ela é de 4 milhões e 600 mil votos. Este é a consequência lógica da política do «centro-esquerda», do abandono das posições unitárias com o Partido Comunista Italiano, de política de compromisso e colaboração com a democracia cristã, com o maior partido dos capitalistas em Itália.

Saudamos o Partido Comunista Italiano pelo seu novo êxito.

VIETNAM

CONDIÇÃO DE PAZ CESSAÇÃO DOS ACTOS DE GUERRA DOS ESTADOS UNIDOS

Em Paris, as conversações entre as delegações da Republica Democrática do Vietnam e dos Estados Unidos não registam qualquer progresso. Os imperialistas americanos recusam-se a cessar os bombardeamentos e outros actos de guerra. Como pode haver paz quando os aviões dos Estados Unidos intensificam as destruições e os massacres em todo o Vietnam?

Como é possível chegar a acordo quando os agressores americanos continuam a arrazar bairros inteiros, em Saigão e noutras cidades? Quando continuam a enviar tropas e mais material de guerra para o Vietnam?

Mas no Vietnam a luta heróica do povo define-se em novas vitórias sobre os invasores americanos. Define-se em novos e repetidos ataques às posições mais bem defendidas pelas tropas do inimigo.

O povo vietnamita está animado da firme disposição de vencer. E vencerá.

«Mais vale morrer do que viver como um escravo — afirmou Ho-Chi-Minh num discurso proferido na Assembleia Nacional da R.D.A. em Maio findo — Não há nada mais precioso do que a independência e a liberdade».

As vitórias surpreendentes do povo do Vietnam, o apoio crescente da União Soviética e dos restantes países socialistas, a solidariedade activa da classe operária e das forças progressivas de todo o mundo forçaram os americanos a aceitar as conversações de Paris. Mas o Vietnam continua a ser um país flagelado pelos crimes, destruições e bestialidades das forças armadas dos Estados Unidos. A paz mundial continua ameaçada.

O reforço da solidariedade no Vietnam impõe-se como uma questão vital, como um motivo de honra, a todos os combatentes da Paz e da Independência dos povos, à classe operária e aos democratas portugueses, para que se encontrem ao nível do heroísmo, do abnegação sem limites do povo vietnamita na sua luta contra o imperialismo americano, o gendarme da reacção mundial, o sustentáculo do regime fascista português.

LIBERDADE

PARA PIRES JORGE defendamos a vida dos presos políticos

Vigorosa e persistente tem de ser a luta pela libertação de Pires Jorge, a luta em defesa da sua vida.

Só em liberdade Pires Jorge pode ser devidamente tratado.

Este deve ser o objectivo da luta dos combatentes da Democracia, da Justiça e da Liberdade, na defesa de uma vida que para todos é profundamente cara. Afrouxar na intensificação e organização dos nossos esforços é ceder o passo aos desígnios dos carrascos do regime. Pires Jorge não pode, não deve ser deixado nas suas mãos. Gritamos as nossas consciências, onde vibra a inquietação ante o perigo que corre a vida do grande combatente do povo português.

À escala nacional e internacional, multipliquemos as acções de solidariedade em defesa da sua vida.

No Forte de Caxias a situação prisional agravou-se. Piorou a alimentação. São levantadas dificuldades à entrada de livros e de papel. Vítima da tortura do sono, da falta de assistência médica, da incuria criminosa do director, Gomes da Silva, morreu no passado dia 22 de Janeiro, naquela prisão, o operário serrador António Firmino.

Virgílio da Glória Santos, de Portimão encontra-se em perigo de vida, com ataques epilépticos quase diários, perturbações no coração, perda temporária de voz, períodos de inconsciência.

Afonso Gregório, sofre de graves perturbações nervosas. Na opinião de médicos competentes essas perturbações só em liberdade podem ser cuidadas com resultados positivos. A PIDE recusa-se a libertá-lo.

O envio de Dr. Mário Soares para a ilha de S. Tomé, onde lhe foi fixada residência, põe em sobressalto quanto, no nosso país, se preocupam com a saúde e as condições de vida dos presos políticos.

O decreto governamental, publicado o ano transacto, deixa à mercê das autoridades fascistas o envio de patriotas para os campos de concentração nas colónias africanas.

Pires Jorge, Blanqui Teixeira, Dias Lourenço, Octávio Pato, José Magro, Carlos Costa, Ilídio Esteves, Domingos Abrantes, Diniz Miranda, Rogério de Carvalho, Guilherme de Carvalho, José Carlos, José Bernardino, Pereira da Silva, Veiga de Oliveira e muitos outros, uns com a saúde gravemente lesada, outros com o pena cumprida, estão conjuntamente com democratas de outras localidades, sob a alçada daquele criminoso decreto.

Ampla, organizada e firme tem de ser a luta pela libertação imediata de SOFIA FERREIRA, vítima do ódio assassino do fascismo.

Ampla, firme e organizada tem de ser a luta pela defesa da vida dos presos políticos.

Mais protestos colectivos! Mais acções de massas! Maior resistência à repressão fascista!

Imprensa democrática da emigração

Recebemos na Redacção de «Avante!» o número de Abril do jornal «LIBERDADE», órgão da Frente Patriótica de Libertação Nacional, que prossegue a sua infatigável luta contra a ditadura fascista e pelo reforçamento da unidade das forças democráticas.

Recebemos igualmente o «PORTUGUESE AND COLONIAL BULLETIN», que se edita em Londres e continua desempenhando uma excelente acção informativa

e de combate contra a política fascista.

Chegou-nos também o número de Abril do «PORTUGAL DEMOCRÁTICO», que se publica no Brasil, há 12 anos. «PORTUGAL DEMOCRÁTICO» reúne à sua volta um núcleo de abnegados combatentes anti-fascistas que através das suas colunas desenvolvem uma acção política digna de registo e um valioso esforço de esclarecimento sobre a situação nacional.